

**Pobre, mas limpinho:
a disciplinarização dos espaços de lazer e sociabilidade da classe trabalhadora**

por equipe do OICult

Nesse texto coletivo propomos uma reflexão acerca da crescente disputa pelos espaços e manifestações de resistência cultural, que vivenciamos no município do Rio de Janeiro e na cidade de Niterói. Falamos aqui de fenômenos como a Feira de São Cristóvão, a Lapa, a Cantareira, o carnaval de rua carioca, entre tantos outros, que tinham por característica garantir um lazer popular àqueles e àquelas que não podem pagar pelo preço de ser “CULT”.

Com o passar do tempo, esses lugares se tornaram verdadeiras atrações turísticas e, apesar de seguirem articulando uma série de discursos que brotam das classes trabalhadoras, tiveram de ser remodelados para se tornarem mais palatáveis para os públicos de classe média. Ocorreu aí um duplo movimento: por um lado, esses espaços de lazer popular tiveram de ser “adaptados”, “moldados” para que o público de classe média pudesse frequentá-los; por outro, esses mesmos espaços, apesar de suas adaptações, ainda conservam algumas práticas (comidas típicas, formas de dança e expressão, etc.) produzidas pelas classes populares.

A permanência dessas práticas nesses espaços reconstruídos resulta tanto do poder de resistência cultural das camadas populares como do desejo manifestado pelo público de classe média de consumir o exótico, o alternativo. Com a chegada desses novos frequentadores, ansiosos por “mercadorias originais”, o que percebemos é um processo de progressiva elevação dos preços, que inevitavelmente corrobora para o afastamento do público que tradicionalmente encontrava nesses ambientes de confraternização uma referência para o seu lazer. É o fenômeno da “higienização classista”, marcado pelo afastamento da população pauperizada em vista da criação de uma atmosfera mais “segura” e “confortável” para os filhos da elite.

Em Niterói, a Cantareira sempre foi um ponto de encontro de estudantes, já que ali perto estão localizadas a UFF, a Faculdade Maria Thereza e algumas escolas de ensino

médio. Há uns anos atrás, a antiga estação das barcas funcionava como um espaço de lazer alternativo, com shows gratuitos de reggae, forró, rock, rodas de samba e era conhecida por ser uma área *legalize*, onde os usuários de maconha não sofriam repressão, nem discriminação. Na praça Leoni Ramos, em frente à estação, o movimento e o público eram mais ou menos os mesmos. Existiam bares e ambulantes vendendo cerveja e, às vezes, os shows aconteciam ali fora. Até que um processo de “higienização” começou lentamente a se delinear com a reestruturação do Caminho Niemeyer. A partir de então, se deu a expulsão dos moradores de rua, vendedores ambulantes (de cerveja, comidas, artesanato), usuários de maconha e, nos últimos tempos, dos catadores de papel que vendem o material para empresas de reciclagem e que se reuniam próximo à praça para organizar a papelada que recolhiam, confraternizar entre eles e, por vezes, dormir com suas famílias. Em contrapartida, ocorreu um processo de sofisticação dos bares ao redor da praça, com seu exemplo máximo na inauguração, no espaço da Cantareira, da *Happy News*, filial de uma rede de casas noturnas que já tem negócios em São Paulo, Belo Horizonte, Vitória e Salvador. Essa sofisticação trouxe uma representativa mudança do público, agora mais elitista.

Junto com a *Happy News*, vieram para a pracinha pittboys, que volta e meia espancam alguém, de preferência gays, ao saírem bêbados da boate. Outra coisa a se notar é que o toldo que foi colocado na entrada da boate atenta contra as regras de conservação da fachada do prédio, segundo o patrimônio histórico. Se pensarmos que aquele lugar tem alto valor simbólico, ligado ao transporte e à organização de lutas de trabalhadores e trabalhadoras pelo direito de ir e vir, os 40 reais cobrados na entrada da *Happy News* se tornam ainda mais impressionantes.

Também a Lapa tem sofrido com o processo de higienização que vem elitizando uma série de espaços urbanos tradicionais, onde a cultura e herança histórica, tão marcantes, vão sendo postas de lado em prol de um melhor aproveitamento econômico.

Trata-se, portanto, de uma exploração e conseqüentemente de uma privação àqueles que se identificam com o lugar justamente pelo que o ambiente representa. A espontaneidade da Lapa ainda existe com toda a mistura cultural característica do Rio de Janeiro, entretanto, este espaço, famoso por ser tão democrático, está ficando cada vez mais restrito. A rua Joaquim Silva, famoso ponto de encontro, tem ficado esvaziada, devido aos

carros de polícia que atualmente dominam o lugar impondo a ordem. Da mesma forma, a escadaria, tão bela e tão representativa da Lapa, com seu colorido, não tem sido mais freqüentada pelo mesmo motivo, já que ali se concentrava uma quantidade considerável de pessoas que consumiam determinados tipos de drogas ilícitas. Hoje a repressão se configura com uma viatura bem em frente à escadaria, espantando, inclusive, aqueles que não são usuários, pois a sensação de vigilância não permite que o ambiente continue sendo agradável.

Com a rua sendo varrida, sobram os bares que outrora tinham um aspecto mais popular. Hoje, com a reestruturação para alcançar uma clientela específica (basicamente turistas), os estabelecimentos têm se revestido, de maneira artificial, dos elementos mais significativos da cultura carioca, tais como pratos típicos e rodas de samba, quase todas cobrando entradas caras. Da mesma forma, consumir dentro desses lugares não é para qualquer um, sendo tais ambientes ocupados excepcionalmente por estrangeiros e grupos das camadas mais altas da sociedade.

Além da falta de lugar para os menos favorecidos economicamente, uma crítica a ser feita é a artificialidade desses locais montados para um determinado fim. Desta forma, a espontaneidade fica prejudicada, não sendo estimulados acontecimentos que historicamente são do povo, da rua, como por exemplo as rodas de samba e de capoeira, batuques diversos, etc. O que ocorre é um enquadramento desses fenômenos, transformados em exóticos, em espaços criados de maneira artificial, com o fim último de lucrar em cima do deslumbramento dos turistas.

Entretanto, há resistências. Sempre se forma uma periferia que continua sendo democrática, mesmo com toda essa restrição. Para quem quiser curtir a Lapa sem ter que se enquadrar nos padrões burgueses pode tomar cerveja de lata a um real no depósito de bebidas, em pé, ou nos ambulantes, e ouvir do lado de fora o som que vem das casas elitizadas. Sempre acaba ocorrendo também um batuque ou outro que mesmo em número reduzido, ainda mantém as características da cultura da rua, do povo.

Um outro espaço que passou por um processo de ordenação foi a antiga Feira de São Cristóvão, hoje transformada no Centro de Tradições Nordestinas. A Feira acontecia nos arredores do Pavilhão de São Cristóvão e era como as feiras típicas do Nordeste. Comidas (pra levar e pra comer na hora), música, artesanato e mais de um tudo eram

vendidos nas barracas de lona azul. Porcos inteiros pendurados em ganchos, roupas, CDs, bebidas, cores, cheiros, sons em profusão. Tudo barato. Cerveja de todas as marcas, cachaça, sarapatel, carne de sol com macaxeira, shows de graça. A classe média se assustava com a aparente desordem, a sujeira e classificava a Feira como um lugar perigoso.

Veio a ordenação e a Feira se transformou numa espécie de shopping. No início, havia um contrato de exclusividade com uma marca horrível de cerveja e quase houve falência geral. Outras marcas adentraram por pressão popular. Os preços das comidas subiram, hoje se paga para entrar e há seguranças armados por toda a parte. Cerveja, só em lata, o que aumentou o custo para o consumidor. Os shows continuam gratuitos e a classe média já freqüenta, de preferência aqueles restaurantes que têm ar condicionado e ambiente com cara de arquiteto. Ainda predomina a freqüência popular, mas não há mais Feira, muitos barraqueiros não conseguiram se sustentar ali e pessoas que complementavam sua renda comprando produtos baratos, como roupas, para revendê-las, tiveram de se virar de outro jeito. Roupas e artesanatos seguem agora um preço pra turista, inacessível para o povo trabalhador.

Além de a feira ser uma tradição cultural e econômica nordestina, o que por si só já justificava sua manutenção, fica a impressão de que dentro do Centro de Tradições há uma disputa cotidiana entre um projeto de higienização e de expulsão dos mais pobres e as práticas de lazer e consumo populares que tentam impor-se naquele espaço. O sentido de negociação da feira então se complexifica: de um lado, declina o sentido corrente da negociação, ligado à flexibilização dos preços e às redes de solidariedade que um mercado mais informal viabiliza, por outro, a idéia de negociação se expande diante daquilo que escapa ao projeto higienista e abarca a manutenção de uma convivência – naturalmente desigual, mas dinâmica – de uma burguesia asséptica com as classes trabalhadoras.

Acreditamos que quando pensamos em termos de negociação obtemos um ganho político fundamental. Não se trata de, com isso, apagar a base material a partir da qual os sujeitos se articulam, mas, antes, de ressaltar a potência das classes trabalhadoras na infundável luta contra os projetos de higienização de que falamos aqui. Ao falarmos em negociação, não falamos em negociação entre partes iguais. A busca constante do capital

por novos espaços aponta para o dinamismo que desloca historicamente, a orientação de classe das mais diversas práticas sociais.

O carnaval, por exemplo, já funcionou através de uma lógica que operava através de uma oxigenação – por toda a sorte de inversões – das barreiras bem delimitadas de classe, gênero, raça etc. O carnaval carioca – e nem estamos nos referindo ao já ostensivamente criticado carnaval das Escolas de Samba – vem mostrar inflexões que apontam para a metabolização do carnaval pelo capital, não no sentido de expurgar as tensões de uma classe trabalhadora oprimida durante todo o ano por suas leis, mas no sentido de alijar tais classes das re-invenções de si que o carnaval pode propiciar.

Àqueles que tiveram a experiência do lúdico carnaval nas antigas ladeiras de Santa Tereza, a memória do horror pela espuma que as crianças, negras, filhas dos ambulantes ou de outros trabalhadores usam é familiar, horror amparado, naturalmente, na “insalubridade” do spray que atenta contra a saúde da população, de uma certa população (pelo menos nunca ouvimos menção ao risco que a criança pobre supostamente estaria correndo). O projeto higienista nesta manifestação tão “popular” – que é o carnaval – se manifesta, arditamente, através do inocente elogio do confete, este sim, o “verdadeiro” divertimento do folião dos carnavais de rua. Um pouquinho mais caro que a espuma, é verdade, mas nisso ninguém pensa.

Ninguém estranha também a “extinção” dos negros em um certo carnaval de rua. Onde estarão os negros? Estes que, segundo conta a história, se situam na “raiz” do carnaval brasileiro. Hoje eles são, como bem frisou o mais belo bloco do Rio de Janeiro, o Cordão de Boitotá, na manhã do domingo do carnaval de 2007, na Praça XV, “os verdadeiros inimigos do carnaval”. Se isso em um texto, em uma revista que se chama Contracultura desperta algum tipo de indignação, não foi assim que reagiram os palhaços, colombinas e melindrosas de pele alva e Adidas no pé, muitos deles nossos leitores potenciais. O discurso do condutor do baile não fazia menção aos negros, mas aos ambulantes que, curiosamente, eram em sua maioria negros, bem diferente dos foliões, em sua maioria brancos. Estes seres que em troca da cerveja nos leva, além do preço que pagamos, nosso espaço para dançar frevo são, por conta desta última questão, os “verdadeiros inimigos do carnaval”. No lugar das - supostamente naturais – vaias, diante de um discurso desta natureza, tivemos uma salva de palmas. Os ambulantes até podem (e

talvez devam) estar presentes, mas fora do Cordão. Este é o carnaval pelo qual não se paga pra entrar.